

Sucata Sisters
Sarrabulho
de Hanneke Paauwe

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

TEATRO 21 E 22 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h40

Autora Hanneke Paaue **Tradução** Célia Fechas e Steven Brys **Encenação** Graeme Pulleyn

Direcção Musical Carlos Clara Gomes **Cenografia, Figurinos e Cartaz** Helen Ainsworth

Assistência de Cenografia Abel Duarte, Carlos Cal e Eduardo Correia **Construção de Cenários** Carlos Cal

Desenho de Luzes Victor Génio **Fotografia** Susana Paiva **Intérpretes** Susana Branco, Paulo Duarte, Miguel

Sopas e Tanya Ruivo **Produção Executiva** Paula Teixeira e Lúcia Simões **Assessoria de Imprensa** Paula Teixeira

Design Gráfico Helen Ainsworth e Dpx Design

Co-Produção Teatro Regional da Serra do Montemuro e Teatro Viriato

Agradecimentos Auto-Sucata, Talho Kortabem (Castro Daire), Nair Morgado, Elisabete Morgado, Junta de Freguesia da Gralheira, Carlos Silvestre, Manuel Pendilhe, José Luís Duarte, Paulo Tribuna, Nuno Dias, Lúcia Dias Felix, Maria José Barbedo, Ourivesaria Silva (Castro Daire), Foto Ideal (Castro Daire), Galerias da Vandoma (Porto), Alexandre Figueiredo (cattViseu), Tuna Trambela e PSP Viseu na pessoa do Sr. Chefe França.



O espectáculo

A pequena caravana inclina-se, quase bêbeda, contra um penedo no meio da sucata silenciosa. Emite uma luz suja, ocrácea, que apanha o pouco brilho de pára-choques. Que já foram cromados neste cemitério de carros. Na encosta da serra a meio caminho do cu de Judas.

A traição está no ar. A multidão força os portões, corta o arame farpado e entra sem palavras, sem sinal, sem aviso. Os cães, ferozes por natureza, estão mudos esta noite, além de um rosnar pouco convicto, como se também eles sentissem o peso da descoberta, o inevitável cerco.

Duas irmãs são donas de uma sucata num local isolado e montanhoso onde passa uma estrada estreita, cheia de curvas e de outros perigos. Judas é dono do café. A mesa do canto reservada sempre para elas. Há quem diga que ele dorme com as duas ao mesmo tempo. Há quem diga que é uma noite para cada uma. Há quem diga que nem ele tem coragem...

O café do Judas é famoso na região: pelo cartaz e pela bôla de carne. O cartaz é de plástico, com um pouco de relevo. Uma mulher sedutora olha-nos debaixo de anos de surro e de gordura. Dezenas de mãos lascivas já tocaram no seio que ela expõe com um ar tímido e atrevido. As celebres bôlas do Judas são motivo de paragem obrigatória para camionistas e *motards*, turistas e vendedores, lavradores e alcoólicos. A sua carne succulenta é temperada com ingredientes secretos, a receita antiga que Judas colheu no ultramar. Tudo contido numa deliciosa e crocante crosta dourada. Mas o destino de quem se atreve a tocar na mama da mulher sedutora e plástica é macabro e malicioso. Teia de aranha mortal.

Vingança imediata e escura. Estrada traiçoeira. Morte e desaparecimento. O carro para a sucata, esqueleto para a bagageira e a carne fresca e succulenta...? Inspirado

nos melodramas do século dezanove, nos filmes mudos e nas baladas *country*, *Sucata Sisters* é de um humor terrivelmente negro. O confronto do urbano e do rural, do feminino e do masculino, do civilizado e do primitivo deixa-nos com um espectáculo que nos assusta e que nos entretém, que nos comove e nos faz pensar... Será possível? Mas a verdade é que é. A verdade é pior do que o nosso imaginário.

Na sequência da co-produção de *Hotel Tomilho* com os Laika da Bélgica em 2004, o Teatro Regional da Serra do Montemuro continua a internacionalização do seu trabalho com *Sucata Sisters – Sarrabulho*, em 2005-2006.

O Teatro Viriato e o Teatro do Montemuro concretizam o sonho de trabalharem juntos, unindo o mais urbano e o mais rural dos trabalhos culturais do distrito de Viseu. Faz todo o sentido haver uma colaboração entre o Teatro Viriato e o Teatro do Montemuro, por serem “vizinhos”, pela simpatia que existe entre as duas estruturas, mas também pela vontade de aprofundar e consolidar este relacionamento. Queríamos ir para além do simples acolhimento do TRSM no Teatro Municipal de Viseu e realizar um projecto comum, que contribuísse para o desenvolvimento cultural do distrito e mostrasse ao país e à Europa o que ali se faz. *Sucata Sisters* integra profissionais do distrito de Viseu e colaboradores nacionais e europeus, nomeadamente da Bélgica e da Inglaterra, na criação de uma obra que atravessa barreiras de língua e cultura.

Com *Sucata Sisters – Sarrabulho* o TRSM assume uma experiência que passa por textos mais densos e por uma outra utilização do cenário e de todo o espaço cénico. Este é um espectáculo assumidamente diferente do que o TRSM costuma fazer: o texto complexo de Hanneke Paauwe e uma

encenação que obriga a uma permanência constante e visível no palco durante todo o espectáculo permitiram aos actores um exercício formativo intenso e constituíram um desafio a uma companhia reconhecida pelo tom de comédia, clownesco e descontraído. Este espectáculo apresenta um outro lado do Teatro do Montemuro, que desta vez abdica dos seus tons terra para

apresentar tons lunares, tensos, sujos e poluídos. A Serra deixa de ser bucólica e passa a ser infernal. Elementos de cultura popular ocidental, o melodrama, a comédia física, as baladas *country* combinam com legendas ao estilo dos filmes mudos, para comunicar uma narrativa simples e subtil – uma comédia de assassinos em série, musical e arrepiante...



Biografias

Graeme Pulleyn veio para Portugal em 1990 depois de acabar o curso de Estudos Teatrais e Artes Dramáticas na Inglaterra. Trabalhou como animador cultural num projecto de desenvolvimento integrado na Serra do Montemuro durante três anos. Durante este período conheceu um grupo de jovens actores numa pequena aldeia chamada Campo Benfeito com quem mais tarde fundou o Teatro Regional da Serra do Montemuro. Trabalhou durante doze anos como actor, encenador e director artístico desta companhia. Hoje em dia o TRSM viaja pelo país de lés a lés apresentando um teatro fortemente enraizado no seu meio, inovador e criativo no seu estilo. Peças como *Lobo-Wolf*, *Eira dos Cães* e *Hotel Tomilho* tornaram-se uma referência no panorama do teatro português dos últimos anos. Em 2004 Graeme saiu da companhia para seguir projectos pessoais e para voltar a trabalhar com jovens actores.

Hanneke Pauwe cresceu em Doetinchem (Holanda) e vive desde 1993 em Bruxelas. É escritora, encenadora, actriz e artista plástica. *Venusvingers* é o seu primeiro romance. Tem também publicada uma recolha de novelas, *Bijten in het toeval*. Escreveu os textos do espectáculo *Hotel Tomilho*, uma co-produção da companhia belga Laika, do Teatro do Montemuro e do CCB, integrado no festival Percursos.

Miguel Sopas nasceu em 1983 em Coimbra. Desde 1998 é membro do Teatro Amador de Pombal, participando como actor em diversas peças. Formado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, participou em diversos projectos académicos, tendo inclusive integrado um grupo representante da ESTC no *Programme Sinaia 2003 - ateliers internationaux des écoles de théâtre*, na Roménia. Tem participado

em dobragens de desenhos animados e em diversas produções.

Paulo Duarte nasceu em Campo Benfeito, em 1972. Foi um dos elementos fundadores do Teatro Regional da Serra do Montemuro, em 1990, tendo participado em todo o processo formativo de crescimento e maturação desta companhia profissional. Exerce a profissão de actor assim como a de director técnico. Desde os 8 anos que participa em peças de teatro amador. Participa em todas as produções levadas à cena pela companhia.

Susana Branco tem 28 anos. Natural de Elvas, é licenciada pelo Conservatório Nacional. Fez parte do Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa e da Companhia Teatral do Chiado. Participou nos filmes *Rasgão* e *Rádio Relâmpago*. Trabalha regularmente com *O Bando*, destacando-se o espectáculo *Vassilisa*. Ganhou dois prémios com a companhia que integra juntamente com Mafalda Saloio, o Lugar Vagon: Prémio de Reposição do Clube Português de Artes e Ideias, em 2000, com a peça que deu origem ao nome da companhia, e uma Menção Honrosa no Concurso de Teatro da Década com *Vou Vai Ando*.

Tanya Ruivo nasceu em 1982 no Canadá. Após sete anos de dança, na Escola Francine Gélina (Canadá), em 2005 conclui a sua formação em Teatro na Escola Profissional Balletteatro do Porto. Entre os projectos académicos em que participou destaca-se *O Baile*, projecto encenado por Isabel Barros, com apresentação no espaço de Serralves. Entre outros projectos conta com a edição de um livro, *Gritos Mudos*, pela editora Caima-Press, em 2000. Integrará os espectáculos do TRSM durante o ano de 2006, como *O Regresso do Pepino* ou *Qaribó*.

A companhia

O Teatro Regional da Serra do Montemuro nasceu em 1990, produto do encontro entre artistas locais, nacionais e internacionais, na pequena aldeia de Campo Benfeito, no alto da Serra do Montemuro.

Uma das características principais da companhia em termos artísticos é a sua forte aposta na criação de textos originais, inspirados no mundo à sua volta. As peças são concebidas num processo colectivo que une actores, escritores, encenadores, cenógrafos e compositores na criação destes espectáculos.

O teatro do TRSM inspira-se na cultura popular, desde as máscaras de Lazarim até aos Santos Populares e do cinema mudo até ao fado, sem nunca criar espectáculos “fáceis” ou condescendentes.

É um teatro contemporâneo, com as suas raízes fortemente e assumidamente no meio rural e com a sua actividade em todo território nacional e cada vez mais no palco europeu.

O texto tem uma função fundamental. Somos em primeiro lugar contadores de histórias. A linha narrativa é o esqueleto de todo o nosso trabalho.

Mas o texto e a palavra não são a única linguagem dos nossos espectáculos, nem a principal. Cenários, figurinos, máscaras, música, emoção: tudo faz parte de uma linguagem teatral complexa, que fala para públicos muito diferentes, permitindo que cada espectador se relacione com a peça ao nível que lhe convém e que o satisfaz.

O que mais distingue o Teatro do Montemuro em termos artísticos é a entrega e a energia dos seus actores. O seu estilo de representação é física e emocionalmente desgastante; os actores impressionam pela sua união em palco, pela sua capacidade de desdobramento de personagens e pela sua forte presença.

Sendo uma companhia do meio rural somos por obrigação e por vocação uma companhia itinerante. Um dos atributos que nos distingue é a nossa capacidade de apresentar um espectáculo em quase qualquer sítio. Apresentamos os mesmos espectáculos um dia na Culturgest ou no CCB em Lisboa e no outro numa associação na Beira Baixa ou num salão paroquial na Serra do Gerês, com o mesmo rigor.

Um dos factores mais inovadores do trabalho do TRSM é a experimentação com dispositivos alternativos com a relação



MÚSICA 25 DE MARÇO

21h30 - Grande Auditório - Dur. 1h20 (com intervalo)

Miguel Henriques*Recital de Piano*

No programa deste recital a música de Fernando Lopes-Graça surge em exemplos diferenciados, alternando com outros de Chopin. As razões desta associação poderão revelar-se surpreendentes para alguns, mas é inequívoco o seu enraizamento profundo na enorme admiração de Lopes-Graça pelo compositor polaco.

No seu artigo “Evocação de Chopin Lopes-Graça” a ele se refere com palavras de inequívoca veneração: é um artista puro, simples e humano. Em particular o amor de Chopin pela música do seu povo e o modo como a absorveu, integrando-a no seu discurso, constituiu para o compositor português um dos exemplos modelares mais marcantes.

Para além do papel central que o piano teve na sua própria formação, a figura do grande pianista Vianna da Motta, seu mestre, terá sido outra das referências que mais o aproximaram da música de Chopin. Mas acima de tudo o que predomina na obra de Lopes-Graça, tal como em Chopin, é a celebração do homem na sua forma poética mais verdadeira e depurada.

Miguel Henriques tem-se dedicado ao longo da sua carreira à divulgação das principais obras do repertório pianístico - algumas menos conhecidas do público. Os seus programas, abrangendo os diferentes estilos, do barroco ao contemporâneo, incluem frequentemente obras de Beethoven, Chopin, Janáček, Schubert, Liszt, Tchaikovsky, Scriabine, Shostakovitch, Messiaen, Schnittke, Lopes-Graça, e António Pinho Vargas. De música de Lopes-Graça são igualmente os seus últimos registos discográficos, os quais mereceram referência destacada na crítica especializada, em Portugal e em Inglaterra.

actor-espectador. Fazemos espectáculos para palcos convencionais, mas também apresentamos em palcos bi-frontais, em arena ou com o público em “promenade”.

A diversidade dos espectáculos é fundamental para o TRSM e para o nosso público. Nos últimos dois anos, por exemplo:

A Caminho do Oeste – 3 monólogos sobre o tema do rio

Eira dos Cães – a partir de *Macbeth* de Shakespeare

Carrada de Bestas – espectáculo ao ar livre *Deixem-me Ressonar* – comédia sobre hospitais, doenças e a morte

Vasco na Cama – teatro para o público escolar

Grande Aventura – teatro de rua

Hotel Tomilho – instalação em grande escala em Antuérpia

O nosso trabalho educativo e para escolas é exemplar, usando uma fusão de teatro, contadores de histórias, participação e debate, para explorar temas como a democracia, a justiça, a honra, os princípios, a morte, o espírito de aventura, lado a lado com as áreas curriculares mais convencionais como a antiga Grécia, o meio ambiente e os descobrimentos.

O TRSM mantém no seu centro um núcleo duro de seis pessoas que formam o conselho artístico da companhia. É uma estrutura compacta, que investe os seus recursos e as suas energias principalmente na criação e na apresentação de novas obras de teatro contemporâneo. Neste trabalho conta com um vasto leque de colaboradores, profissionais nacionais e internacionais.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino (Chefe de Imagem)

Paulo Abrantes (Chefe de Audio)

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt



TEATRO VIRIATO
Associação Cultural e Recreativa
de Teatros e Artes

grupo
 **Caixa Geral de Depósitos**